



## **POSITHIVES: NOTAS SOBRE EXERCÍCIOS PÓS-DISCIPLINARES, DISPARADORES AUTOFICCIONAIS E A CONSTRUÇÃO DE UM COLETIVO**

*NOTAS SOBRE EJERCICIOS POST-DISCIPLINARIOS, DISPARADORES AUTO-  
FICCIONALES Y LA CONSTRUCCIÓN DE UN COLECTIVO*

*POSITHIVES: NOTES ON POST-DISCIPLINARY EXERCISES, SELF-FICTIONAL  
TRIGGERS AND THE BUILDING OF A COLLECTIVE*

Gustavo Pires IBEIRO<sup>1</sup>  
Rafaela Soares VILLAR<sup>2</sup>  
Pamela Oliveira ROSA<sup>3</sup>  
Augusto Imanishi BONAVITA<sup>4</sup>  
Aline Patrícia NEVES<sup>5</sup>  
Roberto HEIDEN<sup>6</sup>  
Hudson W. CARVALHO<sup>7</sup>

<sup>1</sup> Graduando de Psicologia, Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Pelotas, RS, Brasil, [gustavoppires7@gmail.com](mailto:gustavoppires7@gmail.com)

<sup>2</sup> Graduanda de Psicologia, Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Pelotas, RS, Brasil, [rafaelasvillar@gmail.com](mailto:rafaelasvillar@gmail.com)

<sup>3</sup> Graduanda de Psicologia, Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Pelotas, RS, Brasil, [pamela\\_oliveira91@outlook.com](mailto:pamela_oliveira91@outlook.com)

<sup>4</sup> Bacharel em Medicina (UFPEL), Bacharel em Psicologia (UFRJ), Médico da Estratégia de Saúde da Família - SMS, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. [guimanishi@gmail.com](mailto:guimanishi@gmail.com)

<sup>5</sup> Pós-graduanda em Psicologia Análítica (Faculestes), graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Pelotas, Limeira, SP, Brasil, [alinepnramos@gmail.com](mailto:alinepnramos@gmail.com)

<sup>6</sup> Doutor em Memória Social e Patrimônio Cultural (UFPEL), Professor Adjunto no DMCOR-ICH/UFPEL, Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil. [heidenroberto@gmail.com](mailto:heidenroberto@gmail.com)

<sup>7</sup> Psicólogo, Mestre em Psicologia do Desenvolvimento e Doutor em Psiquiatria e Psicologia Médica, Professor Adjunto do Curso de Psicologia, UFPEL, Pelotas, Rio Grande do Sul, [HUDSON.CARVALHO@UFPEL.EDU.BR](mailto:HUDSON.CARVALHO@UFPEL.EDU.BR)

## RESUMO

Subsidiados por um processo de pesquisa cartográfico, narramos, neste manuscrito, os fluxos afetivo-relacionais e algumas descobertas didático-pedagógicas, artísticas, científicas, filosóficas e subjetivas que tem arquitetado o coletivo acadêmico antissorofóbico *positHIVES*. Este se consolida como um espaço de reflexões, produções e ativismos sobre a complexidade que engendra o HIV e a AIDS a partir de ações de ensino, pesquisa e extensão vinculadas ao curso de Psicologia da Universidade Federal de Pelotas. Essa consolidação tem sido ancorada em processos marcados por exercícios pós-disciplinares de ensino e aprendizagem, como, por exemplo, a criação de dramaturgias autoficcionais agenciadas pelo analisador-tema do grupo, cujas performances têm possibilitado leituras baseadas tanto na subjetividade dos participantes quanto em registros históricos e biopsicossociais que constituem o complexo HIV/AIDS. Tais práticas têm potencializado relações mais horizontais entre docentes e discentes, um fazer teórico que explicita a dialética entre saberes tipicamente acadêmicos (alta teoria) como outros ora classificados como baixa teoria, resultando em um movimento engajado e socialmente referenciado. Ainda, nossa trajetória tem sido marcada pela descoberta de referenciais relacionados à pedagogia radical, ao materialismo *queer/cuir/kuir*, na teoria *queer/cuir/kuir*, assim como inspirada no percurso de artistas, intelectuais e coletivos que militam sobre a questão do HIV/AIDS. Por fim, este manuscrito deve ser compreendido como uma abertura de processo, vislumbramos horizontes e alternativas, sem pretensão em esgotar nossas temáticas.

**Palavras-chave:** HIV/AIDS; Antissorofobia; Pós-disciplinaridade; Autoficção; Pedagogia radical

## RESUMEN

El presente manuscrito narra, a través de un proceso de investigación cartográfica, los flujos afectivo-relacionales y algunos descubrimientos didáctico-pedagógicos, artísticos, científicos, filosóficos y subjetivos que construyen la creación del colectivo académico antisoróforo “positHIVes”, consolidándose como un espacio de reflexiones, producciones y activismo sobre la complejidad que engendra el VIH y el SIDA a través de acciones de docencia, investigación y extensión vinculadas al curso de Psicología de la Universidad Federal de Pelotas. Esta consolidación se ha anclado en un proceso marcado por ejercicios de enseñanza y aprendizaje posdisciplinarios, como la creación y ejecución de museos personales, cuya realización engendra memorias autobiográficas gestionadas por el analizador temático del grupo, VIH/SIDA, en articulación con los saberes tradicionales. Tales ejercicios permiten la fugacidad del conocimiento producido y discutido por el colectivo, además de una ruptura en la jerarquía y la creación de nuevos significados articulados al contexto de cada integrante. Además, la narrativa que aquí trazamos no pretende agotar el tema sobre el tema, sino crear un espacio de reflexión y abrir posibilidades para que el lector replantee algunos cruces del VIH / SIDA en su vida, desencadenando el carácter rizomático del tema. Para ello, presentamos nuestra propuesta desde la unión entre nuestra experiencia como colectivo y el marco teórico que nos acompaña y constituye: construimos el diálogo que sustenta nuestras preguntas a partir de conceptos como pedagogía radical, prácticas posdisciplinarias, movimientos artivistas, prácticas de autoescrituras de ficción, dialéctico-materialismo queer/cuir/kuir, pedagogía freiriana, redes sociales y metodologías de investigación cartográfica.

**Palabras llave:** VIH / SIDA; antiserofobia; posdisciplinarietàad; autoficci3n; pedagogía radical

### **ABSTRACT**

The current manuscript depicts, via a process of cartographic research, the affective-relational flows and some didactic-pedagogical, artistic, scientific, philosophical and subjective discoveries that architect the creation of the anti-serophobic academic collective “positHIVes”, consolidating itself as a space for reflections, productions and activism on the complexity that engenders HIV and AIDS through teaching, research and extension actions linked to the Psychology course at the Federal University of Pelotas. This consolidation has been anchored in a process marked by post-disciplinary teaching and learning exercises, such as the creation and performance of personal museums, whose realization engenders autobiographical memories powered by the group's theme analyzer - HIV/AIDS - in articulation with traditional knowledge. Such exercises allow the transience of knowledge produced and discussed by the collective, in addition to a break in hierarchy and the creation of new meanings articulated to the context of each member. Furthermore, the narrative we traced here is not intended to resolve all issues regarding the theme, but to create horizon for reflection and open possibilities for the reader to rethink some meanings of HIV/AIDS in their lives, triggering the rhizomatic character of the theme. Thus, we present our proposal from the seam between our experience as a collective and the theoretical framework that accompanies and constitutes us: we have built the dialogue that supports our queries from concepts such as radical pedagogy, post-disciplinary practices, activist movements, practices of fictional self-writings, queer dialectical-materialism, Freirian pedagogy, social networks, and cartographic research methodologies.

**Keywords:** HIV/AIDS; antiserophobia; post-disciplinarity; self-fiction; radical pedagogy.

## 1. Introdução e Referencial Teórico

Os primeiros relatos de casos da síndrome da imunodeficiência adquirida (AIDS) ocorreram há quatro décadas<sup>2</sup>, deflagrando o início de uma das mais importantes pandemias da história moderna e do mundo contemporâneo, pandemia esta que já causou a morte de aproximadamente 34,7 milhões de pessoas no mundo todo<sup>3</sup>. Inicialmente sem um patógeno identificado e com sintomas espetacularizados pela mídia, a AIDS foi noticiada de maneira que ampliou a vulnerabilidade dos grupos sociais por ela mais afetados: homens cis gays ou que fazem sexo com outros homens cis, mulheres trans e travestis, usuárias/os de drogas injetáveis, profissionais do sexo e imigrantes periféricos como, por exemplo, haitianos.

Assistiu-se nos anos de 1980 e 1990 a uma intensificação de inversões revisionistas que afirmavam que o enfrentamento a pandemia de AIDS se daria por meio de um enérgico e violento combate a degenerescência moral representada, principalmente, por homens cis gays, mulheres trans e travestis e profissionais do sexo, reacionando narrativas, metáforas, saberes e políticas que promoviam higiene social e reafirmavam o fundamentalismo capitalista-judaico-cristão sobre tradição, família e propriedade<sup>45</sup>. A identificação do vírus da imunodeficiência humana (HIV) no ano de 1983 como causador da AIDS e, subsequentemente, de suas vias de transmissão sexual, perinatal e percutânea não suspendeu os estigmas vinculados a uma sorologia positiva. O HIV/AIDS percebido como metáfora para segregar corpos identificados como promíscuos, contaminados ou poluídos e pessoas que se arriscam como

<sup>2</sup> Centers for Disease Control (CDC). Kaposi's sarcoma and Pneumocystis pneumonia among homosexual men--New York City and California. *MMWR Morb Mortal Wkly Rep.* 1981 Jul 3;30(25):305-8. PMID: 6789108.

<sup>3</sup> UNAIDS. *Global AIDS Update: Seizing The Moment: Tackling entrenched inequalities to end epidemics.* Geneve, Switzerland; 2020

<sup>4</sup> TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso.* Objetiva, Rio de Janeiro, 2018.

<sup>5</sup> CAVALCANTI, Céu, BARBOSA, Roberta Brasilino e BICALHO, Pedro Paulo Gastalho. "Os Tentáculos da Tarântula: Abjeção e Necropolítica em Operações Policiais a Travestis no Brasil Pós-redemocratização". *Psicologia: Ciência e Profissão.* 2018, v. 38, n. spe2 [Acessado 9 Junho 2022], pp. 175-191. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1982-3703000212043>>. ISSN 1982-3703. <https://doi.org/10.1590/1982-3703000212043>.

kamikazes em relações de risco<sup>6</sup> é algo que perdura e impacta toda a vida em sociedade, muito além dos anacronicamente chamados "grupos de risco". A questão do HIV/AIDS, portanto, não se encerra em narrativas e tecnologias biomédicas ou políticas sanitaristas, ela instiga artistas e coletivos ativistas a intervir em espaços e imaginários, cientistas e literatos a problematizar a vida individual e coletiva em sociedade, a mães e pais a lidar com a sexualidade de filhas e filhos, docentes e escolas a pensar modos de educar/deseducar sobre sexualidade, leva casais a pensarem sobre monogamia ou formas alternativas de viver a dois (ou três, quatro, etc.) mantendo alguma "segurança sexual" e outras tantas pessoas a sentir e pensar seus cotidianos a partir dessas questões. Aqui surge o desafio que forja o positHives: como criar um coletivo acadêmico que abrace a complexidade ensejada pelo HIV/AIDS e que simultaneamente se produza como um coletivo acadêmico, isto é: como acolher as subjetividades dos participantes em horizontalidade com saberes acadêmicos tradicionais?

O presente manuscrito tem por meta cartografar o fluxo relacional-afetivo que tem possibilitado a transição de um grupo de estudos localizado em um curso de graduação em psicologia - uma perspectiva disciplinar - em um coletivo acadêmico com ações de ensino, pesquisa e extensão que se valem de estratégias pós-disciplinares baseadas em experimentações e exercícios expressivos e que congrega participantes de origens disciplinares diversas, tais como a psicologia, a arte, a medicina, a gestão pública com o ativismo. Nosso desejo com esse texto é o de abrir uma narrativa sobre nós mesmos, criando uma memória coletiva e compartilhada que revela alguns pontos de vista sobre descobertas artísticas, acadêmicas, didático-pedagógicas, pós-disciplinares e subjetivas que nos inventam, sobretudo, como um coletivo acadêmico antissorofóbico.

## 2. Método

Diante de tal contexto, este trabalho se desenvolveu a partir do método cartográfico de pesquisa, o qual preconiza que as fronteiras entre objetos pesquisados e as

---

<sup>6</sup> SONTAG, Susan. *Doença como metáfora. Aids e suas metáforas*. Companhia das Letras, São Paulo, 1989.

peçoas que pesquisam sejam borradas, ou seja, assume-se a subjetividade como implicada e participativa do processo<sup>7</sup>. O método cartográfico dá subsídios e dialoga com o modo pelo qual o coletivo *positHives* se articula: um espaço acadêmico de colaboração em que se enfatiza o diálogo e a edificação de conhecimentos socialmente referenciados através da dialética entre os saberes subjetivos, populares e acadêmicos.

A cartografia propõe uma atenção ao acompanhamento dos processos/afetos sem ter como finalidade a descrição de um objeto pré-identificado<sup>8</sup>. Na construção da nossa escrita, mantivemos um olhar atento para as pistas que nos foram dadas no caminho, sem necessariamente objetivar um destino final ou o encerramento de uma discussão. Desse modo, permitimos que os trajetos percorridos pelo grupo dessem indícios de resultados através de atos de registro que se sucedem e se entrelaçam no fazer da pesquisa<sup>9</sup>. Além de textos acadêmicos que tiveram seus temas e formatos finais coletivamente idealizados, foram também feitos e finalizados outros produtos culturais tais como entrevistas, a criação e manutenção de um perfil em rede social para a divulgação de informações e temas de interesse sobre o HIV/AIDS, bem como experiências que promovessem expressões que levassem o coletivo por caminhos criativos, descobrindo e co-construindo possibilidades de pesquisa e intervenção.

O método cartográfico também é coerente com os valores e o fazer tanto de uma perspectiva pós-disciplinar quanto aquilo que ao longo dos encontros o grupo identificou como sendo a prática de uma pedagogia radical, nas quais o saber e as relações se produzem a partir de uma práxis que visa subsidiar as bases para a modificação da realidade (subjetiva e compartilhada), produzindo a emancipação dos sujeitos envolvidos. Esse coengendramento entre os atores envolvidos com a

<sup>7</sup> PAULON, Simone; ROMAGNOLI, Roberta. Pesquisa-intervenção e cartografia: melindres e meandros metodológicos. *Estud. pesqui. psicol.*, Rio de Janeiro, n. 1, p.85-102, 2010. Disponível em <<http://www.revispsi.uerj.br/v10n1/artigos/pdf/v10n1a07.pdf>>. Acesso em out. 2021.

<sup>8</sup> KASTRUP, Virgínia. O Funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, Eduardo, KASTRUP, Virgínia, ESCÓSSIA, Liliana. *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2020. p. 32-51

<sup>9</sup> PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virginia; ESCÓSSIA, Liliane; Apresentação. In: PASSOS, Eduardo, KASTRUP, Virginia, ESCÓSSIA, Liliane. *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2020. p. 7-9.

cartografia tem por meta possibilitar uma constante reformulação da dinâmica teoria-prática e do próprio campo de investigação<sup>10</sup>.

### 3. Resultados e Discussão

Redigimos o presente texto de forma remota, ora em encontros síncronos a múltiplas mãos, ora de forma isolada. Ao longo do processo que compôs a escrita, entendemos outras nuances e caminhos oportunizados pelas escolhas teórico-conceituais e pedagógicas que fizemos: autores, autoras, artistas, obras e ações que descobrimos ao longo da nossa trajetória e que subsidiaram nossas experimentações. Nesta seção, que desenha resultados e discussões, exaltamos como esse referencial nos permitiu construir uma leitura rizomática<sup>11</sup>, ou seja, um entendimento plural, complexo e desterritorializado sobre HIV/AIDS e como as nossas relações com este analisador nos engendrou como um coletivo acadêmico antissorofóbico e pós-disciplinar. O que se segue são sínteses ficcionais que nos permitem narrar a nós mesmos, escrevivências.

O positHIVes constituiu-se a partir de encontros semanais, tendo início em junho de 2020. O objetivo declarado que subsidiou a proposta inicial (o projeto de proposição) era o de exaltar a complexidade que caracteriza a pandemia de HIV/AIDS, articulando seus vetores biomédicos, psicológicos, políticos, históricos, sociais e artistas por meio de um método histórico-dialético que caracteriza o materialismo *queer/cuir/kuir*<sup>1213</sup>. Este anteprojeto que nos designou como um grupo de estudos dentro da lógica acadêmica-disciplinar em uma plataforma de gestão acadêmica (Sistema Cobalto) nos forçou a estruturar papéis e hierarquias, objetivos específicos a serem alcançados, desfechos previsíveis que materializam o (in)sucesso e um

<sup>10</sup> BARROS, L. P.; KASTRUP, V.; Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, E., KASTRUP, V., ESCÓSSIA, L. *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2020. p. 52-75.

<sup>11</sup> ZAMBENEDETTI, G.; SILVA, R. A. N. da. Cartografia e genealogia: aproximações possíveis para a pesquisa em psicologia social. *Psicol. Soc.*, Florianópolis, v. 23, n. 3, p. 454-463, Dec. 2011. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-71822011000300002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822011000300002&lng=en&nrm=iso)>. acesso em 2021

<sup>12</sup> PRECIADO, Paul. *Manifesto contrassexual*. São Paulo: N-1, 2017.

<sup>13</sup> REBUCINI, Gianfranco. *Marxismo queer: abordagens materialistas das identidades sexuais*. Crítica Marxista, n.48, p.109-125, 2019.

conjunto de leituras que devem se amarrar linearmente visando um acúmulo do saber. Esse desenho mimetiza o ideal de previsibilidade da ciência (modelo hipotético-dedutivo) que não nos serve: desejamos flertar com o insurgente e com a angústia de não saber com exatidão os lugares que pretendemos ocupar, os textos que vamos ler, os filmes que vamos ver ou as ações que empreenderemos. Aqui se instaura uma primeira contradição, nossa gênese é vinculada permanentemente com uma promessa falsa: a linearidade do modelo disciplinar. Essa norma nos forja e nos vincula como oposição à lógica acadêmica-tradicional e, em resposta a ela, organizamo-nos a partir de relações mais transversais e dialogadas, nas quais referenciais tradicionais (i.e.; boletins epidemiológicos) passaram a ser relacionados com filmes, literatura crítica e reflexões sobre o nosso próprio fazer.

O coletivo ainda tem como marco permanente de sua gênese e desenvolvimento a concomitância com outra pandemia de semelhante impacto social, a COVID-19. Dentre as estratégias que puderam viabilizar processos de ensino, pesquisa e extensão no contexto dos desafios sanitários sem precedentes gerados pela segunda pandemia, partimos da realização de encontros totalmente mediados por tecnologias da comunicação que se ajustaram às medidas de isolamento social que se impuseram como realidade incontornável. Discutir uma pandemia em vivência de outra, nos tem trazido possibilidades de expandir seus sentidos e entender, desde dentro, como essa experiência produz leituras históricas e sociais que transcendem em muito conceitos da biomedicina e de políticas sanitárias: a doença como metáfora<sup>14</sup>.

Metáforas são figuras de linguagem que designam um objeto ou as suas qualidades por meio de palavras que concretamente delimitam outro objeto, criando uma noção de equivalência entre entes distintos. Sontag, em sua tese sobre a AIDS como metáfora, desenvolve a ideia de que essas figuras de linguagem são utilizadas para contextualizar a AIDS como instrumento simbólico da (des)moralização de corpos dissidentes e de populações vulneráveis, exacerbando preconceitos e pânico moral e, desse modo, justificando intervenções que de outro modo seriam injustificáveis sob a perspectiva da democracia e dos direitos humanos. Esse contexto atravessa direta ou indiretamente nossas existências de modo irremediável. Em particular, chama-nos a atenção as metáforas militares e xenófobas que têm sido utilizadas para caracterizar

---

<sup>14</sup> SONTAG, Susan. *Doença como metáfora. Aids e suas metáforas*. Companhia das Letras, São Paulo, 1989.

ambas as pandemias: os profissionais de saúde, por exemplo, são descritos como soldados em um frente de batalha (o corpo) que é invadido por um inimigo estrangeiro (agora chinês, COVID-19, e outrora, africano, HIV/AIDS) vil e poderoso que precisa ser vencido a qualquer custo e, para tanto, as armas (medicamentos e restrições de conduta) devem ser poderosas o suficiente para vencê-lo, mesmo que isso custe vidas e existências. Como é de se esperar em qualquer batalha desse porte, muitas casualidades, um dispêndio sem precedentes de recursos e até ações antiéticas podem ser facilmente justificadas, por fim, naturalizadas, afinal de contas: estamos em um contexto de guerra, em um "Estado de Exceção".

O uso dessas metáforas nos remete a história da epidemia de HIV no Brasil na década de 1980. Nesse momento histórico ocorria a Operação Tarântula: uma ação sistemática de repressão violenta às *corpas* travestis. Essa ação foi na época contextualizada e justificada pelo pânico moral criado deliberadamente por diferentes forças sociais (poder médico, patriarcado, cristianismo, etc.) que associavam as *corpas* travestis e gays a um complexo AIDS-promiscuidade-morte-degenerescência moral<sup>15</sup>, criando uma metáfora de "corpos terroristas" que precisavam ser combatidos a qualquer custo.

Devido ao isolamento social, até o momento da escrita deste texto, nós não compartilhamos de um mesmo espaço-tempo dado que nosso percurso formativo tem sido virtual. Apesar disso, a distância não tem se mostrado como um fator impeditivo para que criássemos aquilo que Judith Revel<sup>16</sup> identifica como um *lugar comum*: o coletivo se configura a partir de um conjunto de ações, afetos e vivências, organizado por uma gíngua dialética em que comunalidades e diferenças não se anulam ou se aglutinam, uma vez que fluem como sínteses que ora se apresentam como ações concretas e ora como valores e horizontes. É através de manifestações que partem de lugares distintos e, por vezes em oposição, que temos nos constituído e que se deflagra um saber coletivo, plural, socialmente referenciado e politicamente engajado.

<sup>15</sup> CAVALCANTI, Céu, BARBOSA, Roberta Brasilino e BICALHO, Pedro Paulo Gastalho. "Os Tentáculos da Tarântula: Abjeção e Necropolítica em Operações Policiais a Travestis no Brasil Pós-redemocratização". *Psicologia: Ciência e Profissão*. 2018, v. 38, n. spe2 [Acessado 9 Junho 2022], pp. 175-191. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1982-3703000212043>>. ISSN 1982-3703. <https://doi.org/10.1590/1982-3703000212043>.

<sup>16</sup> REVEL, Judith. *Lugar comum: Estudos de Mídia, Cultura e Democracia*. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Laboratório Território e Comunicação – LABTeC/ESS/UFRJ – Vol 1, n. 1, (1997) – Rio de Janeiro: UFRJ, n. 35-36 set. 2011-abr. 2012.

Intitulamos a nós mesmos de *positHIVes*, pois tal como o aforismo de Diamanda Galas - *we are all HIV positive*, no que pese nossas sorologias negativas, o HIV/AIDS atravessa nossas existências, inclusive no que tange ao fato de que o *status* sorológico de uma pessoa é sempre passível de conversão. Uma das primeiras ações coletivas realizadas e que evidenciou o HIV/AIDS em nossas existências foi a de produzirmos e performarmos os “museus pessoais”. A prática dos museus foi utilizada por nós como um exercício pós-disciplinar dramaturgista: cada participante deveria escolher entre 5 e 10 objetos que estivessem simbolicamente associados ao HIV/AIDS em sua biografia e organizá-los por meio de uma narrativa cuja estética de exposição era de total escolha da/o autora/o. Cada performance deflagrou diferentes afetos, conceitos e discussões que, catalisadas pelo analisador HIV/AIDS, possibilitaram uma articulação entre as diferentes narrativas autobiográficas, criando um espaço intersubjetivo que, por sua vez, criava pontes diretas com saberes tradicionais/oficiais sobre a epidemia.

Neste momento de constituição do grupo, entendíamos que o HIV/AIDS nos atravessava em três dimensões: a sua presença ou aquilo que não pode ser ignorado como, por exemplo, a camisinha, o teste sorológico e a identificação de homens cis-gays com a vulnerabilidade ao vírus; a ausência ou o vácuo de informações sobre lésbicas vivendo com HIV, demonstrado pela baixa ocorrência do tema em documentos institucionais e públicos; o implícito ou aquilo que emerge na entrelinha, ou seja, a falta de informação que dá margem a metáforas como a de corpos como promíscuos/contaminados/terroristas. Os sentidos produzidos pela prática dos museus pessoais foram amplamente explorados em um manuscrito publicado<sup>17</sup> e são centrais para se entender o entrelace das pessoas deste coletivo.

As autoficções performadas nos museus pessoais permitiram a percepção de sentidos mais íntimos e palpáveis para os participantes: mesmo aqueles que se consideravam distantes das pautas que circunscrevem o HIV/AIDS relataram que passaram a entender como este lhes atravessava. A presença, a ausência e o implícito se mostraram implicados na subjetividade de cada um.

---

<sup>17</sup> VILLAR, Rafaela. *et al. Exposição Museus pessoais Posithives: a presença, a ausência e o implícito inscritos na memória sobre HIV/AIDS*. SEMANA DOS MUSEUS DA UFPel. 2021, Pelotas, *Anais semana dos museus UFPel*; Pelotas: 2021. Ed. da UFPel, 2021, p. 315-325.

Outra consequência percebida com o exercício de realização dos museus pessoais foi a vivência de práticas afins a uma pedagogia radical. Henry Giroux<sup>18</sup>, um teórico que pensa a pedagogia radical, discute sobre fluxos de um ensino-aprendizagem que é circunstanciado por fatos concretos erigidos do contexto social. Esse modelo pedagógico é consonante com as ideias de Paulo Freire sobre uma pedagogia voltada à emancipação e tomada de consciência da realidade social de educandos e educadores<sup>19</sup> e com a própria ideia de pós-disciplinaridade. A pedagogia radical visa transcender lógicas normativo-hierárquicas da educação, entendendo que ensino, pesquisa e extensão são as diferentes facetas de uma práxis socialmente engajada que se alicerça nos modos subjetivos e socialmente referenciados de relação com o saber. Nessa perspectiva, entendemos a nós mesmos e nossos lugares sociais ao passo que nos relacionamos com o objeto de estudo do coletivo. Nossa dinâmica de colaboração prescinde que o tema central seja dominado por *todes* em uma qualidade semelhante: uma pessoa dá espaço e atenção à voz da outra e à sua contribuição, dando gênese a um saber plural. A autonomia do conhecimento de cada pessoa é realçada como algo que se pode acrescentar ao debate que está acontecendo.

O fazer/performar os museus pessoais evidenciou nosso diálogo, inicialmente não intencional, com as propostas pedagógicas de Paulo Freire em sua *Pedagogia da Autonomia*<sup>20</sup>. Ao elencar alguns preceitos básicos para o fazer docente, o autor pontua que é necessário compreender que ensinar consiste em práticas que estão para além da pura transmissão de conhecimento<sup>21</sup>. Para isso, faz-se necessária tanto a presença ativa dos educandos, quanto o espaço de escuta dos docentes<sup>22</sup>, o que pode ser observado durante o processo grupal que aqui discorremos, relacionando-se com o trânsito entre os saberes proposto pelo modelo pós-disciplinar que acreditamos estar construindo.

Além disso, Freire destaca a relevância de pensarmos o conteúdo a ser aprendido sempre em relação com o contexto e território dos educandos, prática que é

<sup>18</sup>GIROUX, Henri. *Pedagogias Radicais*. São Paulo, Cortez, 1983.

<sup>19</sup> FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. 68ª ed. São Paulo: Paz & Terra, 2019.

<sup>20</sup> *Ibidem*.

<sup>21</sup> *Ibidem*.

<sup>22</sup> *Ibidem*.

experienciada ao longo do processo de construção de saberes do grupo. Desde o momento que cada integrante fez/performou um museu pessoal, criou-se uma aproximação entre os diferentes saberes e olhares possibilitando-se a costura de perspectivas conforme seu entendimento de práxis, o que também coincidiu com o objetivo de se criar um entendimento rizomático sobre HIV/AIDS.

Outras ações que realizamos deflagram o caráter pós-disciplinar e a(r)tivista do nosso coletivo: os museus pessoais foram exibidos em eventos científicos, a exemplo de participação no Seminário Acadêmico da Semana dos Museus da UFPel, no ano de 2021, quando explorou-se a interface entre memória e museologia por meio da criação de um guia curatorial pelos sentidos e memórias erigidos nos museus e a sua apresentação conjuntamente a outros trabalhos que versavam, por exemplo, sobre o Museu do Doce de Pelotas, dentre outros temas mais tradicionais da lógica museológica. Esse contraste pode ter causado deslocamentos e interferências e trouxe para uma audiência distinta um tema relevante que não chegaria por outras vias internas a essa área de conhecimento.

Em outra frente de atuação, criamos um perfil em uma rede social do grupo com o objetivo de informar pessoas sobre HIV/AIDS considerando a complexidade inerente ao tema: produzimos informes sobre métodos de prevenção combinada, entrevistas, dicas de filmes e de literatura e outras possibilidades que ainda estão por surgir. Um dos objetivos dessas iniciativas é alimentar o processo de construção de uma memória coletiva sobre a história do HIV/AIDS em Pelotas e região por meio do registro e compartilhamento dessas entrevistas em uma perspectiva mais plural. As cidades de Pelotas (RS) e Rio Grande (RS) estão entre aquelas com mais altos índices de prevalência de soropositividade para HIV no país e, todavia, estas são raramente retratadas ou examinadas em conteúdos documentais e/ou audiovisuais. Considerando que essa memória coletiva que se produz em torno do HIV/AIDS participa da forma como percebemos este tema na perspectiva do presente, nos desafiamos: como pensar a região geográfica na qual inserem-se os *positHIVes* a partir de suas próprias peculiaridades? Como contar essa história a partir de nós mesmos? Como romper com a relação centro-periferia que circunscreve a história do HIV/AIDS no Brasil?

Nesse conjunto de novas possibilidades de atuação por parte do coletivo, destacamos a entrevista realizada com a médica infectologista Bruna Gazoni de Souza,

responsável pelo ambulatório da profilaxia pré-exposição (PrEP) no Serviço Ambulatorial Especializado de Pelotas, onde acontece o acompanhamento de pessoas usuárias desse método farmacológico de prevenção ao HIV. Essa entrevista foi concebida como necessária devido a baixa circulação da PrEP na cidade em decorrência, dentre outros aspectos, da baixa divulgação deste método de prevenção. Essa profilaxia consiste no uso de um comprimido diário, contendo dois antirretrovirais (tenofovir e emtricitabina), por uma pessoa que não vive com HIV, para prevenir a infecção pelo vírus caso haja o contato com ele. Além da dispensação do medicamento, é oferecido nas consultas: aconselhamento sobre prevenção combinada, testagem para o HIV e outras IST, preservativos, lubrificante íntimo e acompanhamento clínico dos possíveis efeitos adversos e da adesão. Somos corpos-ciborgues protético-farmacológicos<sup>23</sup>, somos moldados pelo uso de hormônios, máscaras, remédios, camisinhas, antirretrovirais e, por que não, a PrEP?

Por fim, outro aspecto que nos constrói como um coletivo: predominantemente, as pessoas que conformam o *positHives* se localizam em algum estrato minorizado da sociedade e tem por ativismo alguma pauta relativa a questões de gênero, sexualidade e/ou raça. Esse viés interseccional nos aproxima e agencia uma relação intrincada com o tema HIV/AIDS desde dentro, desde nossas peles. Compartilhamos de vivências sobre estigmas e estereótipos sociais e que denunciam desigualdades e preconceitos que tornam minoritárias identidades sexualizadas, genitalizadas e/ou racializadas<sup>24</sup>.

#### 4. Considerações Finais

O presente manuscrito é um registro que visa dar relevo a um conjunto de experimentações e exercícios pós-disciplinares e ficcionais que possibilitaram a transição de um grupo de estudos estruturado a partir de plataformas disciplinares para um coletivo acadêmico antissorofóbico. Buscamos aqui articular nossas descobertas conceituais, artísticas, teóricas com uma narrativa de nossas ações e discussões, dinâmica essa que denota o tom processual do movimento que nos

<sup>23</sup> PRECIADO, Paul Beatriz. *Manifesto contrassexual*. São Paulo: N-1, 2017.

<sup>24</sup> YOUNG, Iris Marion. *Representação política, identidade e minorias*. Lua Nova: Revista de Cultura e Política [online]. 2006, n. 66, pp. 139-190. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-64452006000200006>>. Epub 16 Ago 2006. ISSN 1807-0175. <https://doi.org/10.1590/S0102-64452006000200006>.

inventou como coletivo e que tem nos possibilitado a construção de abordagens sobre o tema HIV/AIDS a partir de lógicas de complexidade rizomática. O HIV/AIDS tem agenciado nossa aproximação com a pedagogia radical, práticas pós-disciplinares, movimentos a(r)tivistas, práticas de auto-escrituras ficcionais, materialismo *queer/cuir/kuir*, pedagogia freiriana, redes sociais e metodologias cartográficas de pesquisa.

A narrativa que ora fazemos sobre o nosso coletivo é um texto aberto, ou seja, não temos como finalidade apresentar um método único para consolidar uma experiência grupal, nem temos como pretensão esgotar a discussão acerca da temática. No entanto, entendemos nosso percurso como um dos caminhos possíveis, que só se desenvolve na medida em que os encontros acontecem, traçando uma trajetória coletiva singular. Na intenção de não tornar o processo aqui feito como inacabado, convidamos você, leitor, a pensar nas possibilidades que surgem a partir da nossa escrita e do relato da nossa experiência. Como você passa a perceber a presença, a ausência e o implícito do HIV em suas vidas? Como tornar presente a discussão sobre HIV/AIDS em suas práticas de vida? Em suas produções e práticas acadêmicas? Quais preconceitos você reproduz frente a pessoas que vivem com HIV/AIDS? Para você esse tema é distante ou te atravessa? Você conhece sua sorologia? E a sua sorofobia?

## Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE, Alana; PALAZUELOS, Felix; TREVIZANI, Tiago. Imagem e Ficção na Produção de Conhecimento em Psicologia Social. **Rev. Polis Psique**, Porto Alegre, v. 7, n. 2, p. 88-105, ago. 2017. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2238-152X2017000200007&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2238-152X2017000200007&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em out. 2021.

BARROS, L. P.; KASTRUP, V.; Cartografar é acompanhar processos. *In*: PASSOS, E., KASTRUP, V., ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2020. p. 52-75.

CAVALCANTI, Céu, BARBOSA, Roberta Brasilino e BICALHO, Pedro Paulo Gastalho. "Os Tentáculos da Tarântula: Abjeção e Necropolítica em Operações Policiais a Travestis no Brasil Pós-redemocratização". **Psicologia: Ciência e Profissão**. 2018, v. 38, n. spe2 [Acessado 9 Junho 2022], pp. 175-191. Disponível

em: <<https://doi.org/10.1590/1982-3703000212043>>. ISSN 1982-3703.

<https://doi.org/10.1590/1982-3703000212043>.

Centers for Disease Control (CDC). Kaposi's sarcoma and Pneumocystis pneumonia among homosexual men--New York City and California. **MMWR Morb Mortal Wkly Rep.** 1981 Jul 3;30(25):305-8. PMID: 6789108.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** 68ª ed. São Paulo: Paz & Terra, 2019.

GIROUX, Henri. **Pedagogias Radicais.** São Paulo, Cortez, 1983.

KASTRUP, Virgínia. O Funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. *In:* PASSOS, Eduardo, KASTRUP, Virgínia, ESCÓSSIA, Liliana. **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade.** Porto Alegre: Sulina, 2020. p. 32-51.

PAULON, Simone; ROMAGNOLI, Roberta. Pesquisa-intervenção e cartografia: melindres e meandros metodológicos. **Estud. pesqui. psicol.**, Rio de Janeiro, n. 1, p.85-102, 2010. Disponível em <<http://www.revispsi.uerj.br/v10n1/artigos/pdf/v10n1a07.pdf>>. Acesso em out. 2021.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virginia; ESCÓSSIA, Liliane; Apresentação. *In:* PASSOS, Eduardo, KASTRUP, Virginia, ESCÓSSIA, Liliane. **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade.** Porto Alegre: Sulina, 2020. p. 7-9.

PRECIADO, Paul. **Manifesto contrassexual.** São Paulo: N-1, 2017.

REBUCINI, Gianfranco. **Marxismo queer: abordagem materialista das identidades sexuais.** *Crítica Marxista*, n.48, p.109-125, 2019. Disponível em <[https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos\\_biblioteca/dossie2019\\_11\\_18\\_16\\_03\\_21.pdf](https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/dossie2019_11_18_16_03_21.pdf)>. Acesso em: Set. 2021.

REVEL, Judith. **Lugar comum: Estudos de Mídia, Cultura e Democracia.** Universidade Federal do Rio de Janeiro. Laboratório Território e Comunicação – LABTeC/ESS/UFRJ – Vol 1, n. 1, (1997) – Rio de Janeiro: UFRJ, n. 35-36 set. 2011-abr. 2012.

SONTAG, Susan. **Doença como metáfora. Aids e suas metáforas.** Companhia das Letras, São Paulo, 1989.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso.** Objetiva, Rio de Janeiro, 2018.

UNAIDS. **Global AIDS Update: Seizing The Moment: Tackling entrenched inequalities to end epidemics.** Geneve, Switzerland; 2020.

VILLAR, Rafaela. *et al. Exposição Museus pessoais Posithives: a presença, a ausência e o implícito inscritos na memória sobre HIV/AIDS*. SEMANA DOS MUSEUS DA UFPEL. 2021, Pelotas, **Anais semana dos museus UFPel**; Pelotas: 2021. Ed. da UFPel, 2021, p. 315-325.

YOUNG, Iris Marion. **Representação política, identidade e minorias**. Lua Nova: Revista de Cultura e Política [online]. 2006, n. 66, pp. 139-190. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-64452006000200006>>. Epub 16 Ago 2006. ISSN 1807-0175. <https://doi.org/10.1590/S0102-64452006000200006>.

ZAMBENEDETTI, G.; SILVA, R. A. N. da. Cartografia e genealogia: aproximações possíveis para a pesquisa em psicologia social. **Psicol. Soc.**, Florianópolis, v. 23, n. 3, p. 454-463, Dec. 2011. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-71822011000300002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822011000300002&lng=en&nrm=iso)>. acesso em 2021.